



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

THALIS ALVES NORVINO

**O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA
DE INTERVENÇÃO DA CANÇÃO PARA O CONTO**

CAJAZEIRAS - PB

2023

THALIS ALVES NORVINO

**O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA
DE INTERVENÇÃO DA CANÇÃO PARA O CONTO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Unidade Acadêmica de Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras-PB, como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira

CAJAZEIRAS - PB

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

| | |
|-------|---|
| N891p | Norvino, Thalís Alves O processo de retextualização na sala de aula: uma proposta de intervenção da canção para o conto / Thalís Alves Norvino. - Cajazeiras, 2023. 37f.: il. Bibliografia. Orientadora: Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira. Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2023. 1. Retextualização. 2. Gêneros textuais. 3. Compreensão textual. 4. Produção textual. 5. Leitura. 6. Canção. 7. Conto. I. Pereira, Hérica Paiva. II. Título. UFCG/CFP/BS CDU – 81'42 |
|-------|---|

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

THALIS ALVES NORVINO

**O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA
DE INTERVENÇÃO DA CANÇÃO PARA O CONTO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Unidade Acadêmica de Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras-PB, como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 22/06/2023

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dra. Hérica Paiva Pereira – Orientadora
(UAL/CFP/UFCG)



Prof. Dr. José Wanderley de Sousa – Examinador 1
(UAL/CFP/UFCG)



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva – Examinador 2
(UAL/CFP/UFCG)

*À Profa. Dra. Fátima Maria Elias Ramos
que foi minha inspiração no estudo
gêneros textuais.*

AGRADECIMENTOS

À Deus Pai Todo-Poderoso por me conceder a graça de concluir um curso superior e também o Seu cuidado para comigo durante esses anos.

A Virgem Maria, que é madrinha do meu curso, por tantas vezes não me deixar só nas tribulações da vida.

Aos meus pais, Antônio e Socorro pela educação que me deram e também estarem sempre preocupados com meu futuro profissional.

As minhas irmãs Thalia e Thaise pelo carinho, atenção e amor. São por elas que estou aqui hoje.

A professora orientadora Dra. Hérica Paiva, pela disposição em me orientar, pela sua paciência e compreensão.

Aos professores da Unidade Acadêmica de Letras (UAL) pelos grandes ensinamentos e contribuições durante o ensino acadêmico.

Aos meus colegas de curso, especialmente, Ronivon, Gabrielle, Matias, Aldo, Anne, José Venâncio e Gladjane pela amizade, trocas de conhecimento e por me ajudar nos momentos que precisei.

Aos meus grandes amigos, Ian Amaro e Jussara pelo companherismo nessa jornada universitária.

A minha querida amiga que o curso me deu, Mayara Gouveia, pelas palavras de ânimo e esperança.

As minhas amigas de curso, Aline, Josivânia e Gicelle, por todos os momentos engraçados que vivemos no ônibus no translado entre Paulista e Cajazeiras-PB por longos 5 anos.

Aos meus amigos, Eduarda, Daniele, Christianne, Fernanda, Ana Livia, Isleide, Eriberto, Henrique, Francisco, Gilberto e Eluzieta pelo companherismo e também pelos laços de família que criamos.

Aos meus primos Abel, Abimael e Vitória por disponibilizar a casa em Cajazeiras quando necessitei.

Aos meus amigos, Rodrigo e Ana Catarina pelo carinho, amizade e afeto.

Aos professores da banca examinadora, Esp. Abdoral Inácio da Silva e Dr. José Wanderley de Sousa por aceitarem o convite para prestigiar o meu trabalho e pelas sugestões e colaborações.

Ao Programa de Auxílio Estudantil de Graduação (PAEG) que me serviu de apoio para o pagamento de despesas e na alimentação.

Ao motorista Francisco, que é sem dúvidas, o melhor motorista que sempre estive à minha disposição, apesar das brigas e ignorâncias, mas me garantiu uma viagem segura e tranquila.

À todos que estiveram ao meu lado de forma direta ou indiretamente. Gratidão.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa objetiva mostrar que o processo de retextualização é uma prática pedagógica inovadora e atrativa para os alunos e fundamental para o desenvolvimento da leitura, compreensão e produção textual. Acredita-se que diante das práticas docentes ainda voltadas para o ensino tradicional, esta proposta de intervenção deve ganhar fôlego, no sentido de que o trabalho com a retextualização pode ser um excelente momento para o processo de ensino-aprendizagem. Para isso a pesquisa está embasada, principalmente nas contribuições de Marcuschi (2001, 2010), no que diz respeito ao processo de retextualização; Marcuschi (2008) e Cavalcante (2013) acerca dos gêneros textuais; Bosi (2001) sobre o conto e Costa (2001) referente ao gênero canção. No que tange à metodologia, esta pesquisa é bibliográfica, sob uma abordagem qualitativa, por não apresentar métodos e técnicas estatísticas. É também aplicada por apresentar uma proposta de atividades a serem desenvolvidas em sala de aula. Como resultado, o trabalho apresentou uma proposta didática, direcionada a professores do 9º ano do Ensino Fundamental na perspectiva da retextualização da oralidade para a escrita.

Palavras-chave: Leitura e produção de textos. Processo de Retextualização. Gêneros Textuais. Canção. Conto.

ABSTRACT

This research work aims to show that the process of retextualization is a innovative pedagogical practice that is attractive to students and fundamental to the development of reading, comprehension and textual production. It is believed that before of teaching practices still focused for traditional teaching, this proposal of intervention must gain breath, in the sense that the work with retextualization can be an excellent moment for the teaching-learning process. For this research is based mainly on the contributions of Marcuschi (2001, 2010), with regard to the retextualization process; Marcuschi (2008) and Cavalcante (2013) about textual genres; Bosi (2001) about the tale and Costa (2001) referring to the song genre. With regard to methodology, this research is bibliographical, under a qualitative approach, for not presenting methods and techniques statistics. It is also applied by presenting a proposal of activities to be development in the classroom. As a result, the work presented a didactic proposal, aimed at teachers of the 9th grade of Elementary School in perspective of the retextualization of orality for writing.

Keywords: Reading and production of texts. Process of Retextualization. Textual genres. Song. Tale.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | | |
|-----------|---|---|----|
| Figura 01 | - | Possibilidades de retextualização..... | 19 |
| Figura 02 | - | Fluxo das ações de retextualização..... | 20 |
| Figura 03 | - | Operações textuais-discursivas do texto oral para o texto escrito | 21 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 A RETEXTUALIZAÇÃO COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE NOVOS TEXTOS ORAIS E ESCRITOS | 13 |
| 2.1 DA ESCRITA E REESCRITA DE TEXTOS AO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO | 13 |
| 2.2 O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO DA FALA PARA A ESCRITA..... | 17 |
| 2.3 GÊNEROS TEXTUAIS: CONCEITOS E CONCEPÇÕES | 23 |
| 2.3.1 O gênero canção..... | 24 |
| 2.3.2 O gênero conto | 26 |
| 3 A RETEXTUALIZAÇÃO DA CANÇÃO PARA O CONTO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA TURMAS DO 9º ANO | 28 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 35 |
| REFERÊNCIAS..... | 36 |

1 INTRODUÇÃO

É comum ouvirmos as mais diversas reclamações acerca das dificuldades que os professores de Língua Portuguesa vivenciam em sala de aula sobre a leitura, compreensão e escrita de textos dos alunos e sua relação com o processo de interação com as diversas situações de comunicação. É importante destacar que essas dificuldades não se resumem à sala de aula e ganham os muros do cotidiano, especialmente nas situações corriqueiras em que os alunos se encontram.

Quando se trata do ensino de língua, é preciso lembrar que o professor, além de lidar com fatos linguísticos e com o contexto socio-histórico, lida também com identidades, com crenças dos indivíduos envolvidos nesse processo. Por isso é muito importante que o professor, além da sua formação acadêmica, compreenda o contexto social em que estão inseridos seus alunos e conheça suas leituras de mundo.

Apoiado nas teorias de Koch e Elias (2018, p. 10), adota-se neste trabalho, a concepção interacionista da linguagem, por entender que “os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto”. Assim, o sentido de um texto é construído por aqueles que estão envolvidos numa dada situação de interação, de modo que a língua passa a ser entendida como uma forma de ação na esfera social.

Nesse sentido, pensar no processo de escrita do texto, é considerar também o processo da retextualização, ou seja, a construção de um novo texto a partir de um texto-base. Sabe-se que a língua, enquanto forma de ação, se manifesta tanto na modalidade oral como na escrita a partir da leitura e da compreensão de textos. No caso deste trabalho, o foco está na retextualização da oralidade para a escrita, através dos gêneros canção e conto.

Nessa ótica vale destacar que fala e escrita são modalidades da língua e portanto, fundamentais para as mais variadas práticas sociais, de modo que não é possível entendê-las como coisas separadas. Quando se pensa no processo de retextualização, é impossível não pensar no processo da fala e da escrita como modalidades da língua que se convergem nos diversos momentos de interação do cotidiano.

Diante do exposto esta pesquisa parte do seguinte questionamento: porque os alunos tem tanta dificuldade de produzirem textos, sejam orais ou escritos, para o uso do seu cotidiano?

Acredita-se que a dificuldade parte da ausência de uma competência leitora que a maioria dos alunos apresentam, que por sua vez é intensificada por não encontrar, em sala de aula, as condições necessárias para desenvolver uma prática significativa que os motive ao gosto pela leitura. Isso se deve a prática tradicional de ensino que, grande parte das escolas ainda adotam como metodologia, pautando-se apenas no ensino de gramática de forma descontextualizada.

Desse modo, esse trabalho justifica-se por contribuir para a prática pedagógica dos professores do 9º ano do Ensino Fundamental, possibilitando a realização de aulas participativas e motivadoras que envolvem o contexto social dos alunos e seus conhecimentos prévios. Para isso leva-se em consideração que o processo de retextualização apresenta os fatores necessários para o desenvolvimento da leitura, compreensão e escrita de textos, no processo de construção de novos textos. Nessa perspectiva a escolha do conto deve-se por entender que esse gênero é o que mais se aproxima da realidade do aluno, além de se tratar de um texto que encanta, diverte e desperta o interesse do discente.

Nessa direção, o objetivo geral deste trabalho é mostrar que o processo de retextualização é uma prática pedagógica inovadora e atrativa para os alunos e fundamental para o desenvolvimento da leitura, compreensão e produção textual. Para isso os objetivos específicos são: explicar o processo de retextualização e sua relação com as modalidades oral e escrita da língua; destacar os gêneros textuais como ferramentas necessárias para o ensino-aprendizagem e apresentar uma proposta de intervenção, através de um processo de retextualização da fala para a escrita, para professores de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental.

A pesquisa está fundamentada principalmente nos aportes teóricos de, Marcuschi (2001, 2010) no que diz respeito ao processo de retextualização, enquanto a discussão sobre os gêneros textuais, fundamenta-se em Marcuschi (2008) e Cavalcante (2013); sobre o gênero conto, Bosi (2001) e Costa (2001) a respeito do gênero canção.

No que se refere à metodologia, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se configura como resultado de uma longa caminhada durante a formação acadêmica do Curso de Letras em Língua Portuguesa. Dessa forma, ele se enquadra dentro de uma abordagem de natureza qualitativa, visto que não fará uso de métodos e técnicas estatísticas mas sim buscar compreender como ocorre o processo de retextualização. Ademais, é de cunho aplicada, pois segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 51), “[...]”

pesquisa aplicada: objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos.

Como resultado da pesquisa, o trabalho apresenta no 3º capítulo, uma proposta de intervenção , através de um processo de retextualização da fala para a escrita para professores de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental. Para isso, a proposta apresenta uma sugestão de retextualização do gênero canção para o conto, a partir da canção “Minha felicidade”, de Roberta Campos.

Desse modo, o trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, encontra-se a introdução em que se apresentam os elementos constitutivos do texto, como apresentação do tema, problemática, hipótese, justificativa, objetivos, fundamentação teórica e metodologia.

O segundo capítulo apresenta conceitos de escrita e reescrita de texto, aprofundando no que vem a ser o processo de retextualização; em seguida traz a explicação do processo de retextualização da fala para a escrita, abordado por Marcuschi (2010) e conceitos e concepções de gênero textual. Ainda nesse capítulo encontra-se a composição e estrutura dos gêneros canção e conto

Para concluir, o terceiro capítulo apresenta proposta de intervenção didática, direcionada para os professores de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental, através do processo de retextualização do gênero canção para o conto.

2 A RETEXTUALIZAÇÃO COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE NOVOS TEXTOS ORAIS E ESCRITOS

Este capítulo defende a importância da leitura e compreensão de textos e da escrita como um processo enunciativo-discursivo que ocorre através de uma ação social inserido em determinado contexto e apresenta a retextualização como um processo de formação de novos textos.

Para melhor explicar o processo de retextualização, esse item traz conceitos e concepções de retextualização, assim como a relevância dos gêneros textuais nesse processo e apresentação das estruturas composicionais dos gêneros canção e conto, que serão trabalhados no capítulo que segue.

2.1 DA ESCRITA E REESCRITA DE TEXTOS AO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO

A escrita é uma ação humana que ocorre através de uma prática social situada em determinados contextos, como trabalhos escolares e acadêmicos, nos ambientes de trabalhos, na comunicação e na vida pessoal. O ato de escrever é uma atividade que exige no leitor/escritor conhecimentos da língua como a gramática e do léxico adquiridos nas práticas do dia a dia, pois o leitor é solicitado a produzir vários textos escritos em diversas situações. Desse modo, Geraldi (2010, p. 166) defende que a escrita do texto “[...] implica pensar em trabalho e não em inspiração”. Por isso entende-se que a escrita é um processo enunciativo-discursivo, uma forma de ação social meramente contextualizada.

Para Antunes (2003, p. 56), o processo de escrita implica em “[...] análises e diferentes decisões de alguém que é sujeito, que é autor de um dizer de um fazer, para outros sujeitos, também ativos cooperantes”. Nesse sentido, é preciso esquecer a forma tradicional de escrita, ensinada muitas vezes pela escola, em que se aprende apenas a escrever redações de acordo com as regras ensinadas pela própria escola.

Nessa perspectiva, faz-se necessário entender a diferença entre reescrita e retextualização do texto. No primeiro, entende-se que a reescrita pode ser entendida como algo que faz parte do processo de escrita, enquanto que a retextualização é entendida como a forma de criar um novo texto a partir de um texto base, seja ele oral

ou escrito. Dell'isola (2007, p. 10) afirma que a retextualização é o “[...] processo de transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção e reescrita de um texto para outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem”. Assim, o trabalho com a retextualização deve partir de uma concepção em que o ensino de língua portuguesa seja baseado no processo enunciativo da linguagem, longe das formas prontas e acabadas. Ainda segundo a autora, algumas operações podem ser adotadas no processo de retextualização:

Dentre elas, ressalta-se um aspecto de imensa importância que é a compreensão do que foi dito ou escrito para que se produza outro texto. Para retextualizar, ou seja, para transpor de uma modalidade para outra ou de um gênero para outro, é preciso, inevitavelmente, que seja entendido o que se disse ou se quis dizer, o que se escreveu e os efeitos de sentido gerados pelo texto escrito. (DELL'ISOLA, 2007, p. 14).

Como se vê, o trabalho com a retextualização em sala de aula deve contribuir não só com a escrita, mas com a leitura e a compreensão de textos, a medida que esse processo exige do sujeito escritor os mais variados tipos de estratégias. Por isso, nesse tipo de atividade é preciso o pleno entedimento do que foi lido ou que também não está explicitamente escrito. Por isso, o sentido produzido a partir de um texto é um novo ato de compreensão e, é sempre uma atividade individual e particular, já que não podemos entender um texto da mesma forma.

Nesse contexto, o grande problema consiste na noção de leitura como decodificação, ainda muito utilizado nas escolas hoje, em que muitos livros didáticos, exploram, nas atividades de interpretação do texto, apenas a parte superficial do texto. Bakhtin (1997, p. 113) lembra que “a palavra é determinada tanto pelo fato que procede de alguém, como do fato que se dirige para alguém”. É preciso considerar que a concepção que norteia esse tipo de ensino é a da interação entre os sujeitos, situados social e historicamente, o que nos implica pensar que as palavras são empregadas dentro do contexto em que estão inseridas. Assim, a partir desse entendimento, Matêncio (2002, p. 34) afirma que:

Textualizar é agenciar recursos linguageiros, textuais e discursivos. Retextualizar, por sua vez, envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos bases, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivos identificados

no texto base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência. A atividade de retextualização envolve dessa perspectiva, tanto relação entre gêneros e textos – o fenômeno de intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade.

O processo de retextualização é sempre a produção de um outro texto, levando em consideração as mudanças de propósitos comunicativos colocadas em jogo. Sendo assim, quando se passa pelo processo de retextualização, é preciso lembrar que o texto pode perder algumas características e ganhar outras, uma vez que isso é normal dentro das mudanças no processo de transformação de um gênero em outro.

Outro fator relevante é ter sempre presente que não se pode colocar em campos opostos a fala e a escrita, já que ocorrem de forma contínua, com muito mais semelhanças do que diferenças. Ao considerar a relação dessas duas modalidades e sua relação com a produção textual, percebe-se que a retextualização se torna muito importante no processo de escrita do texto. Marcuschi (2010, p. 46) lembra que “[...] a retextualização não é um processo mecânico, já que a passagem da fala para a escrita não se dá naturalmente [...]”.

Para que ocorra o processo de retextualização, o aluno precisa conhecer sobre o gênero, sobre o suporte, porque ele está envolvido numa operação que interfere no código e no sentido. Ao mesmo tempo, o professor precisa fazer o aluno entender que transformar um texto oral em um texto escrito não significa desvalorizar um gênero em detrimento de um outro.

O processo de retextualização ainda pode ser considerado como um elemento novo nos estudos da língua, bem como no desenvolvimento das atividades que envolvem a escrita e a reescrita do texto em sala de aula. Os estudos sobre essa temática começam a ganhar espaço ainda na década de 1990, especialmente, na área da Linguística Textual, no que se referia à produção, refacção de textos orais e escritos em sala de aula (TRAVAGLIA, 2003).

No Brasil, os primeiros estudos sobre retextualização foram apresentados por Travaglia (1993), através da sua tese de doutorado publicado em 2003 em que ela faz um estudo sobre o processo de tradução de uma língua para outra, que ela entende como retextualização. Para Travaglia (2003, p. 63):

todos os elementos que conferem textualidade a um texto e que foram

acionados pelo produtor do texto original, com a diferença de que, manejando uma outra língua, o tradutor estaria de certa forma manejando outros elementos ou até os mesmos elementos sob perspectivas diferentes.

Travaglia entende que o processo de criação de um texto, ainda que seja a simples tradução de um texto, de uma língua para outra, implica nas etapas de planejamento, de elaboração e produção de um novo texto, a partir de um texto original para outra língua. Depois de Travaglia, outras pesquisas sobre a temática foram surgindo ao longo dos anos, de forma que são consideradas como os trabalhos introdutórios sobre a retextualização no Brasil. No entanto, é com a publicação do livro *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*, de Antônio Marcuschi (2001), que a oralidade e a escrita são abordadas importantes discussões no que concerne ao conceito sobre retextualização e as características que perfazem esse processo na passagem de um texto oral para o texto escrito.

As discussões teóricas-metodológicas emblemadas por Marcuschi (2010) leva o entedimento do processo de retextualização a um outro patamar da linguagem. Para ele “[...] essa passagem de textos orais para textos escritos, é umas das formas de realizar o que denomino de retextualização” (p. 46). Para o autor:

A retextualização não se dá naturalmente no plano dos processos de textualização. Trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos (2010, p. 46).

Para explicar o processo de retextualização, Dell’isola (2007, p. 12) afirma que para que ele ocorra “[...] implica que se leve em consideração as condições de produção, de circulação, e de recepção de textos”. Assim, o processo de retextualização resulta na produção de um novo texto, mas com elementos característicos deste processo, ou seja, não é simplesmente reescrever um texto, mas fazer com que um determinado texto se transforme em um outro. Como se vê, o entendimento da autora é de que o processo de retextualização vai muito mais além do simples ato de reescrever, mas é a produção escrita de um novo texto, advindo de um outro, por meio de operações específicas de produção e funcionamento da linguagem. Para Dell’isola (2007, p. 10):

Por retextualização entende-se o processo de transformação de uma modalidade textual em outra, ou seja, trata-se de uma refacção e reescrita de um texto para outro, processo que envolve operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem.

Marcuschi destaca a relevância de uma dessas operações que é a compreensão do texto base, afirmando que não será possível o processo de retextualização, se antes o texto base não for verdadeiramente compreendido pelo aluno. Para Marcuschi (2010, p. 70):

as sérias questões concernentes a problemas de compreensão surgidos no processo de retextualização ainda estão por serem tratadas. Friso, no entanto, que toda atividade de retextualização implica uma interpretação prévia nada desprezível em suas consequências [...]. O problema maior se dá quando se passa de um gênero para outro, já que neste caso muda até mesmo o modelo global da transmissão.

Compreender o texto é um questão séria e necessária, não só para o processo de retextualização, mas também como forma de entedimento daquilo que se lê, abstração das ideias e a capacidade que se pode ter de transmitir as informações se o aluno não compreendeu de forma suficiente o texto base, a produção do novo texto fica comprometida, o que implica em problemas da ordem textual e cognitiva do aluno. É preciso considerar que o processo da escrita é, por si só, um processo complexo e que não pode ocorrer de forma impensada e sem intenções e planejamento.

O item que segue apresenta o processo de retextualização da fala para a escrita, como uma prática que permite a construção de novos textos.

2.2 O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO DA FALA PARA A ESCRITA

Ao se pensar no processo de retextualização, logo se associa ao ensino do gênero oral e escrito em sala de aula, tendo em vista que a retextualização pode ser entendida como uma atividade complexa que, longe da mecanicidade do ensino de Língua Portuguesa, proporciona ao aluno as habilidades e competências necessárias que ele precisa no uso da língua falada ou escrita. Sendo assim, é preciso que o aluno perceba que, acima de tudo, não existe uma supremacia de uma modalidade da língua

sobre a outra, ou seja, isso não significa dizer que a fala seja mais importante do que a escrita ou vice-versa.

O ensino de Língua Portuguesa vem, ao longo dos anos, passando por profundas transformações, especialmente no campo da escrita do texto em sala de aula. Neste tópico do trabalho, reflete-se acerca do processo de retextualização do gênero oral para o escrito a partir de um texto já existente. Dessa forma, refletir sobre o ensino do gênero oral se faz necessário como forma de enfatizar os aspectos gerais que o compõem e que estão relacionados com a oralidade. Marcuschi (2008) defende a necessidade de voltar uma atenção maior para o trabalho com os gêneros orais em sala de aula, mesmo que essa discussão não seja nova, uma vez que a Base Nacional Comum Curricular (2017) já trazem essa realidade, apresentando propostas que valorizam as variedades de uso da língua. Dentro da realidade do Ensino Fundamental, a BNCC (BRASIL, 2017, p. 71) enfatiza:

Considerando esse conjunto de princípios e pressupostos, os eixos de integração considerados na BNCC de Língua Portuguesa são aqueles já consagrados nos documentos curriculares da Área, correspondentes às práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica (que envolve conhecimentos linguísticos – sobre o sistema de escrita, o sistema da língua e a norma-padrão –, textuais, discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses)

A escuta de textos orais, a leitura de textos escritos e a produção de textos orais e escritos são as três práticas orientadas pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) para o trabalho com o gênero oral em sala de aula. Nesse caso, cabe a escola organizar um conjunto de atividades variadas, capazes de desenvolver no aluno a habilidade oral e escrita ao mesmo tempo, considerando sua realidade dentro e fora da sala de aula.

Nesse sentido, o processo de retextualização apresenta-se como uma proposta de atividade muito utilizada no dia a dia das pessoas, pois é um fato que não só está presente no campo escolar e acadêmico, mas sim faz parte da comunicação linguística dos usuários. Dessa forma, a retextualização da fala para a escrita é um processo que ocorre na passagem de um texto falado para um texto escrito, ou seja, de uma modalidade para outra (MARCUSCHI, 2010).

Assim, a retextualização não é uma atividade mecânica, mas sim, trata-se de uma atividade que envolve operações complexas e que não se trata de propor a

transformação de um texto mal produzido para o outro bem elaborado e estruturado, mas sim, é “[...] *é a passagem de uma ordem para outra ordem*” (MARCUSCHI, 2010, p. 47, grifo do autor) e que o texto-base para a transformação encontra-se na sua ordem. Assim, fala e escrita são atividades sociocomunicativas que fazem parte da língua e isso não significa que a fala seja superior que a escrita ou vice-versa, ambos fazem parte das funções da língua.

Para Marcuschi (2010) existem quatro possibilidades de retextualização. Observe a figura abaixo:

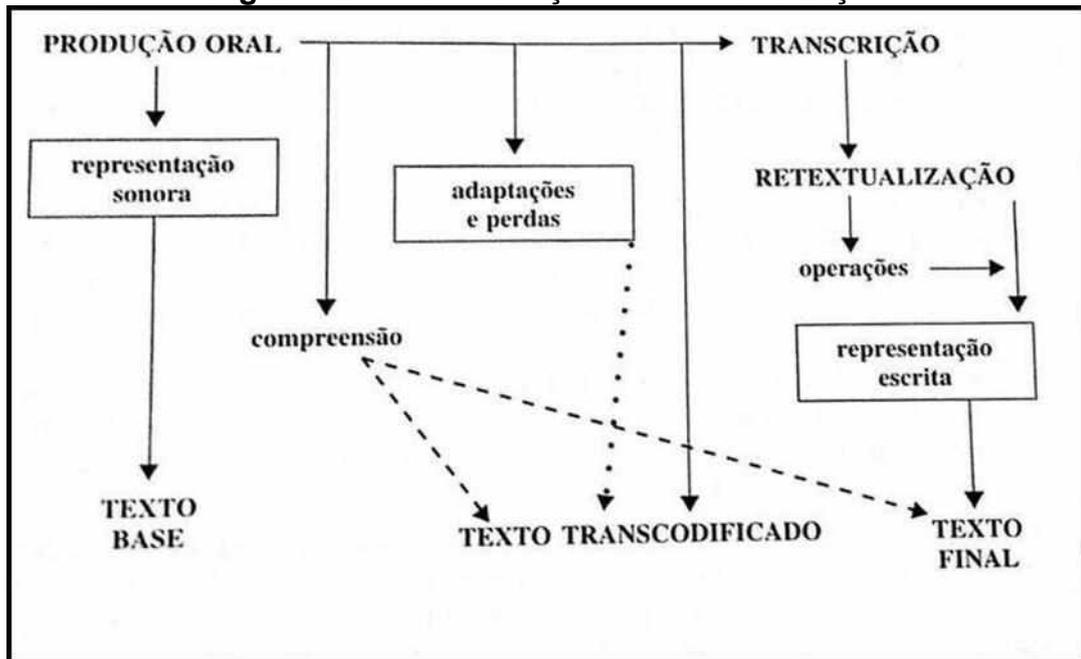
Figura 01 - Possibilidades de retextualização

| | | | | |
|-------------------|---|---------------------------------|---|----------------------|
| 1. <i>Fala</i> | → | <i>Escrita</i> (entrevista oral | → | entrevista impressa) |
| 2. <i>Fala</i> | → | <i>Fala</i> (conferência | → | tradução simultânea) |
| 3. <i>Escrita</i> | → | <i>Fala</i> (texto escrito | → | exposição oral) |
| 4. <i>Escrita</i> | → | <i>Escrita</i> (texto escrito | → | resumo escrito) |

Fonte: Marcuschi (2010, p. 48).

Na **Figura 01**, observa-se que as atividades de retextualização podem ser de modalidades diferentes: fala para a escrita, da escrita para fala e também transformar textos na mesma modalidade, com os mais diferentes gêneros textuais que circulam na sociedade, por exemplo: uma música para uma crônica, uma conferência para uma tradução simultânea, uma notícia impressa para um jornal de TV e entre outros. Assim, o processo de retextualização envolve, além dos aspectos linguísticos-textuais-discursivos, as operações de idealização, reformulação e adaptação referentes à compreensão textual. A **Figura 02** traz uma esquematização idealizada por Marcuschi (2010) que mostra esse processo de transformação:

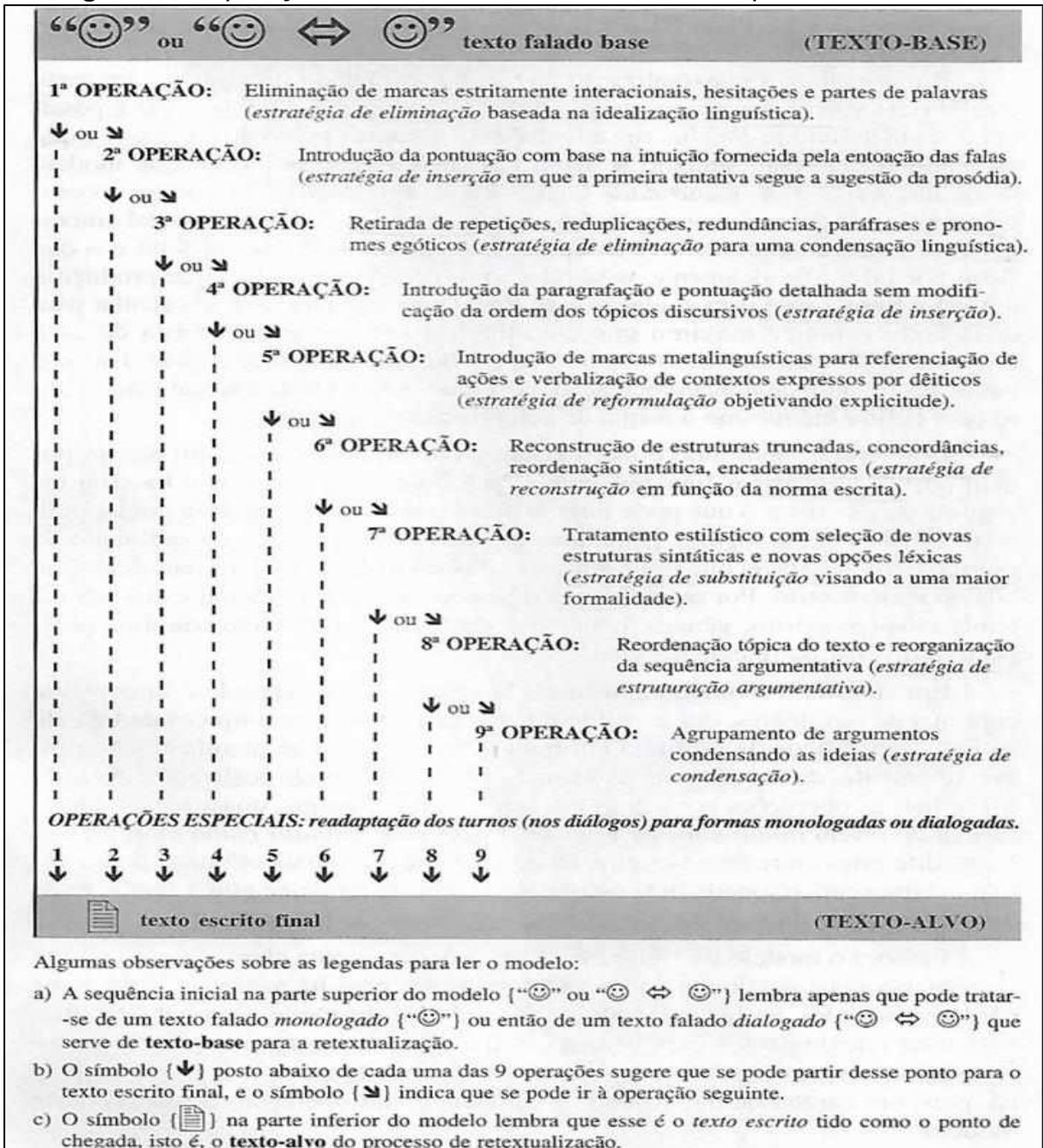
Figura 02 - Fluxo das ações de retextualização



Fonte: Marcuschi (2010, p. 72).

O esquema acima resume através do diagrama todo o processo da retextualização, desde o texto base até a transformação. A primeira parte representa a compreensão textual do texto base, de forma que todas as fases seguintes não podem se distanciar do texto base. Em seguida, acontece a transcodificação textual, momento em que ocorre a transformação do texto oral para o escrito. Nesse momento, é importante levar em consideração que o texto base pode sofrer pequenas ou grandes modificações, mas isso não pode interferir na produção. Só aí que vai acontecer a retextualização, quando coloca-se em prática as reformulações, as adaptações, tudo que foi planejado para o processo de transformação de um gênero em outro. No diagrama abaixo, também idealizado por Marcuschi (2010), podemos entender melhor toda essa esquematização:

Figura 03 - Operações textuais-discursivas do texto oral para o texto escrito



Fonte: Marcuschi (2010, p. 75).

Neste diagrama é possível ver nove operações, agrupadas em dois conjuntos, divididos em regras de regularização e idealização. A primeira está ligada às ações das quatro primeiras operações; enquanto que a segunda se refere às demais cinco operações.

Nessa direção, segundo Marcuschi (2010) a retextualização é uma atividade complexa por isso é necessário ter uma atenção especial à compreensão do texto,

ainda pouco trabalhada. Sendo assim, antes de retextualizar um gênero, uma modalidade ou o que foi dito por alguém é preciso antes de tudo compreender o texto, pois se trata de uma atividade cognitiva e que pode ser “[...] a fonte de muitos problemas no plano da coerência no processo de retextualização” (MARCUSCHI, 2010, p. 47).

Essas atividades estão bastante presentes nas esferas da sociedade e acontece de forma diversificada, pois todos os dias e em todos os lugares as pessoas fazem usos dos gêneros, reformula-os, transforma-os, recria-os e reescreve-os. Por exemplo: a secretária que escreve informações orais do chefe; uma pessoa conta para a outra a cena de uma novela da noite anterior; um recado dito a uma pessoa por telefone e entre outros exemplos (MARCUSCHI, 2010).

Outro aspecto importante é fazer a distinção entre transcrição e retextualização, que são atividades diferentes. Segundo Marcuschi (2010, p. 49):

Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados. Seguramente, neste caminho, há uma série de operações e decisões que conduzem a mudanças relevantes que não podem ser ignoradas. Contudo, as mudanças operadas na transcrição devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. Já no caso da retextualização, a interferência é maior e há mudanças mais sensíveis, em especial no caso da linguagem.

Nessa direção, o processo de retextualização a fala envolve os aspectos extralinguísticos e a transcrição é uma atividade de interpretação gráfica sonora. Aqui é importante destacar que a transcrição é a primeira atividade de retextualização, pois nela ocorre a transcrição da fala para escrita através de um processo de adaptações e perdas de repetição, hesitação, entonação, gestos etc.

Considerando que os textos são formas de interagir e agir no mundo, é preciso pensar na relevância da retextualização na leitura, na compreensão e na produção textual. Para isso, é importante um trabalho com diferentes gêneros textuais, no sentido de que o aluno possa compreender os fatores linguísticos, textuais e extra-textuais presentes no processo de construção do texto. A retextualização se apresenta como uma atividade promissora para o desenvolvimento da leitura e da produção de texto, pois permite que o aluno reflita sobre o uso, a situação de produção em que os textos se constituem.

A seguir, o próximo item trata de conceitos e concepções de gêneros textuais como instrumentos indispensáveis no processo de retextualização.

2.3 GÊNEROS TEXTUAIS: CONCEITOS E CONCEPÇÕES

Segundo Marcuschi (2008), coloca que os gêneros textuais são estruturas flexíveis, capaz de se transformar, conforme a necessidade de uso na língua. Por isso é importante que a escola mostre ao aluno a dinamicidade dos gêneros textuais, uma vez que fora da escola, eles mantem contato diário com a maioria desses gêneros. No entanto vale destacar que, ainda que os gêneros sejam entidades comunicativas, com características próprias, propósitos, ações e conteúdo, se faz necessário um trabalho articulado em sala de aula, de modo que o aluno entenda que cada gênero tem a sua peculiaridade.

Desta forma, é imprescindível valorizar as diferenças entre os gêneros textuais orais e escritos e encará-los como práticas sociais, presentes na vida do aluno tanto na escola como fora dela. Para Cavalcante (2013), os gêneros textuais podem ser entendidos como entidades sociocomunicativas, apresentados através de textos diversos que manifestam as demandas específicas de um sujeito em determinada situação. Por isso, a linguagem adentra às maneiras de adquirir conhecimento, os modos de se comunicar e de agir, proporcionando ao homem a produção do acervo cultural, da interação social e da construção da personalidade.

Para Marcuschi (2008) ensinar a língua é ensinar a utilizá-la funcionalmente, ou seja, por meio dos mais variados gêneros textuais. Por isso o aluno precisa compreender não só a variedade de gêneros, mas que eles são estruturas de naturezas diferentes, seja da ordem fonológica, morfológica, funcional, lexical, semântica, sintática, oracional, textual, pragmática, discursiva. Assim, os gêneros articulam-se através da linguagem nos diversos contextos sociais da experiência humana.

Os gêneros textuais vêm sendo abordados em distintas áreas de investigação, o que tem direcionado o estudo a ser cada vez mais abrangente e multidisciplinar. A análise dos gêneros cada vez mais reúne o estudo de discursos, textos, língua, em seu uso social, portanto, o uso de gêneros textuais é o uso da língua no habitual cotidiano em diversas variações de formas, podendo ser estabelecido como “[...]”

formas de ação social” (MARCHUSCHI, 2008, p. 149).

Ainda para o autor, cabe a escola fazer com que o aluno compreenda a proposta de cada gênero, bem como seus objetivos e o que fazem com que eles circulem socialmente. Isso porque os gêneros textuais são estruturas com finalidades e usos diferenciados em situações distintas de uso da língua. Para Marchuschi (2008, p. 154), os gêneros textuais são “[...] uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. Assim, os gêneros se configuram como essenciais no ensino de línguas, pois é uma forma de inserir os alunos em atividades comunicativas em situações reais de uso da língua. Assim, pode-se citar alguns exemplos de gêneros textuais, como: carta expositiva, sermão, palestra, telefonema, horóscopo, receita, cardápio, sms, lista de compras, charge, bula, edital de concurso, boletim policial, convite, notícia, crônica, conto, romance, teatro, conversa espontânea etc.

Nessa direção, os gêneros textuais são formas textuais orais, verbais, estáveis, dinâmicas, situadas historicamente ou socialmente e, o seu estudo envolve questões que ultrapassam as atividades de cunho tradicional, envolvendo atividades com objetivos adequados à realidade da sala de aula, de modo que o aluno perceba sua função social.

Veja a seguir a estrutura e relevância dos gêneros canção e conto, que serão trabalhados no capítulo que segue no que diz respeito ao processo de retextualização da fala para a escrita.

2.3.1 O gênero canção

Dentro de várias esferas sociais, o gênero canção ocupa uma posição popular dentro da quantidade de gêneros textuais que circulam na sociedade. A canção é um gênero textual que se aproxima do gênero poesia, e que está presente em nosso dia a dia, encontrado, principalmente nas mídias digitais. É justamente por despertar emoções, fomentar a criticidade, tocar a sensibilidade dos alunos, que o gênero canção é sempre bem vindo em sala de aula, no sentido que o trabalho com esse tipo de gênero vai muito mais além do que o conhecimento estrutural do próprio gênero (MANZONI; ROSA, 2012). Vale destacar que esse gênero possui forte relação com a linguagem cotidiana e é marcado por algumas características como a subjetividade, a

musicalidade e a melodia, críticas sociais, valores humanos como solidariedade e basea-se em obras literárias que predem a atenção, emoções, prazeres das pessoas.

O entendimento da linguagem da Canção pode ser um importante exercício de leitura em sala de aula, tendo em vista que o aluno pode, através dela, compreender a realidade atual e emocional, pois a todo momento, as pessoas/os alunos estão em contato direto com esse gênero na sociedade e por meio da canção há um incentivo de conhecer a personalidade, a identificação de seus gostos e a emoções que passam. Assim, pode-se entender que a canção possibilita que construam visões críticas sobre a realidade, seja ela pessoal, emocional, e social expressando fatos comuns que estão presente nas esferas sociais. Para Costa (2010, p. 118, grifo do autor) enfatiza que:

a canção é um gênero híbrido, de caráter intersemiótico, pois é resultado da conjugação de dois tipos de linguagens, a verbal e a musical (ritmo e melodia). Defendemos que tais dimensões têm de ser pensadas juntas, sob pena de confundir a canção com outro gênero [...]. Assim, a canção exige uma tripla competência: a verbal, a musical e a literomusical, sendo esta última a capacidade de articular as duas linguagens.

Nessa perspectiva, o autor, explica que a canção é um gênero híbrido, ou seja, dentro dela existe características de outro gênero; a a poesia e que essa junção de linguagens são complementos, pois na canção, assim como na poesia, existe a rima, o ritmo, a métrica e a presença de figuras de linguagem, além de outros elemntos que aproximam os gêneros. Assim como a canção, a poesia

[...] entabula uma comunicação que aproveita todas as possibilidades comunicativas e criativas que surgem ao misturar, com concordância, meios e recursos narrativos tanto linguísticos quanto corporais, dando espaço à expressão de diferentes níveis de significados daquelas coisas que são relatadas, tomando-se uma via rainha para a educação estética (CORREA, 2006, p. 334).

Dessa forma, é relevante frisar que existe diversas canções, nas mais diferentes formas, modos e esferas sociais. Com isso, dependendo da situação comunicativa em que as pessoas estejam inseridas, podem apresentar sentidos diferentes ao serem proferidas, visto que durante o ato de comunicação cada pessoa utiliza seu próprio modo de se comunicar. Nesse sentido, é importante compreender o que está dito, pois cada palavra é carregada de significado. Para Costa (2010, p.

118) “a canção possui padrões entonacionais e apresenta rítmicos extremamente flexíveis”. Assim, o gênero canção se divide em vários subgêneros que circulam na sociedade, como o forró, o sertanejo, o *funk*, o *pop*, entre outros, de modo que cada um deles possui as suas particularidades.

Desse modo, ao trabalhar o gênero canção em sala de aula é possível reconhecer sua integridade, relevância e contextos culturais/sociais que estão inseridos em sociedade, principalmente dos adolescentes. Com isso, o trabalho com canções é vasto e possibilita ao professor explorar diversos recursos sejam eles linguísticos, extra-linguísticos, sociais, históricos e entre outros aspectos. Por fim, é importante frisar que o professor não precisará que ele mesmo seja o cantor ou o compositor, mas sim, um intermediário para que os alunos possam construir uma visão crítica e/ou reflexiva diante do mundo.

2.3.2 O gênero conto

Desde o tempo em que ainda não havia a escrita o gênero conto já se fazia presente na humanidade. Com suas histórias de encantamento e envolvimento, o conto ganhou respaldo ao longo do tempo, não só como uma forma de leitura e entretenimento, mas como uma gênero de grande significância para o ensino-aprendizagem em sala de aula.

Na tradição oral, no ocidente, era comum a contação de histórias que foram passando de geração a geração, ganhando interferências em seu enredo, à medida que, ao narrar as histórias, estas passavam por acréscimos de quem contava, um processo natural como forma de preencher as lacunas do esquecimento. Com o surgimento da escrita, as histórias passaram por um processo de transformação, passando a ser conservadas na íntegra. Para Bosi (2001) mesmo na forma escrita, o conto ainda preserva algumas características da oralidade, tendo em vista que todavia é muito comum a contação de histórias. Bosi (2001, p. 80) afirma ainda que: “o encontro casual gera a necessidade gregária do falar e do ouvir histórias, revisitando aspectos chaves da literatura e parte de sua função: o ócio e o prazer”.

Em se tratando de uma narrativa curta, o conto não deixa de ser uma narrativa com uma sucessão de acontecimentos, ou apenas com um acontecimento. Ele apresenta enredos simples, geralmente em curto espaço de tempo e poucos

personagens. Soares (1993) lembra que o conto pode ser considerado uma narrativa curta e diferencia de outros gêneros como o romance, devido as características estruturais. Assim, Soares (1993, p. 54)

ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo.

Dessa forma, o conto é uma narrativa com poucas complicações no enredo, geralmente com tempo e espaço delimitados, linear, o que não impede que possa ser também uma narrativa complexa por envolver situações reais dos personagens, mesmo sendo uma história breve. Abaurre (2007) coloca que o conto pode ser considerado uma narrativa curta que apresenta, assim como outras, narrador, personagens, enredo, espaço e tempo. Ainda para essa autora, os leitores de conto se destacam por aqueles leitores que desejam refletir sobre sua própria realidade, muitas vezes, na tentativa de escapar da correria diária em que vivem.

Desse modo, o conto pode contribuir para as práticas de leitura em sala de aula, uma vez que este gênero se aproxima muito da realidade dos alunos. Antunes (2009) lembra que o gosto pela leitura de textos da esfera literária é permitido pela sedução, pelo fascínio e pelo encantamento do texto literário. Assim, cabe ao professor proporcionar o estímulo da leitura nos alunos, chamando a atenção dos mesmos para o entendimento da mensagem que o conto traz. Esse geralmente, trata de temáticas capazes de chamar a atenção do leitor. Araújo (2015, p. 04) enfatiza que:

O conto é um dos gêneros prosaicos mais populares da Literatura e a pertinência de colocá-lo em cena na sala de aula está no fato de o mesmo ser produzido à luz das situações cotidianas, das práticas sociais situadas na história da humanidade, das vivências, dos acontecimentos. Sua natureza condensada permite uma leitura mais rápida e resultados interpretativos mais positivos.

Por isso, o conto é um gênero que facilita o trabalho com a língua e literatura em sala de aula, além de ser reconhecido como um gênero de narrativa curta e de fácil compreensão. Assim, a abordagem com o gênero conto pode ser feita das mais variadas formas, no sentido de levar descontração e entretenimento em sala de aula.

3 A RETEXTUALIZAÇÃO DA CANÇÃO PARA O CONTO: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA TURMAS DO 9º ANO

Tendo em vista os objetivos propostos neste trabalho, este capítulo apresenta a proposta de retextualização a partir da canção “Minha felicidade”, de Roberta Campos para o conto. Acredita-se que essa atividade pode contribuir para o ensino-aprendizagem, no que se refere ao processo de leitura, compreensão e produção de texto nas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, por se tratar de um gênero motivador e que está muito presente na vida dos adolescentes.

Para isso, leva-se em consideração o que diz Marcuschi (2010, p. 46) sobre o processo de retextualização: “[...] trata-se de um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos da relação oralidade-escrita”. Portanto, é um processo que permite a percepção da textualidade em textos orais e escritos, tanto nos recursos linguísticos pela fala quanto pela escrita de texto.

No caso da proposta aqui apresentada, ela está desenvolvida em três momentos, distribuídos em 12h/aula, no entanto, é preciso reforçar que essa realidade pode mudar, de acordo com o contexto da sala de aula, onde a atividade pode ser desenvolvida.

Conteúdo: Leitura e produção de texto: a retextualização

Turma: 9º Ano do Ensino Fundamental

Objetivos: Compreender o processo de retextualização; Reconhecer as características, composição, e os contextos de produção dos gêneros canção e conto; Desenvolver habilidades linguísticas nas práticas de leitura e produção de gêneros a partir do processo de retextualização; Propor a produção do gênero conto como resultado do processo de retextualização.

PRIMEIRO MOMENTO (4h/aula)

Caro(a) professor(a), veja a seguir a organização das atividades a serem desenvolvidas nesse momento:

- Organize a turma em grupos e distribua para cada um a canção “Não vá embora” de Marisa Monte. (Você poderá sugerir que a leitura seja feita de forma alternada entre os alunos);

- Faça uma explanação sobre a cantora/compositora Marisa Monte;
- Em seguida, coloque a música e convide os alunos para cantar juntos, se necessário, até três vezes e, logo depois, incentive-os a identificarem as características da canção e do lugar de circulação dela;

GÊNERO TEXTUAL: CANÇÃO¹

Não Vá Embora Marisa Monte

E no meio de tanta gente eu encontrei você
Entre tanta gente chata sem nenhuma graça,
você veio
E eu que pensava que não ia me apaixonar
Nunca mais na vida

Eu podia ficar feio, só, perdido
Mas com você eu fico muito mais bonito
Mais esperto
E podia estar tudo agora dando errado pra
mim
Mas com você dá certo

Por isso não vá embora
Por isso não me deixe nunca, nunca mais
Por isso não vá, não vá embora
Por isso não me deixe nunca, nunca mais

Eu podia estar perdido, caído por aí
Mas com você eu fico muito mais feliz
Mais desperto
Eu podia estar agora sem você
Mas eu não quero, não quero

Por isso não vá embora
Por isso não me deixe nunca nunca mais
Por isso não vá, não vá embora
Por isso não me deixe nunca nunca mais

Por isso não vá embora
Por isso não me deixe nunca nunca mais
Por isso não vá, não vá embora
Por isso não me deixe nunca nunca mais

Composição: Arnaldo Antunes / Marisa Monte

- Nessa direção, discuta as características do gênero Canção, lembrando que esse gênero é híbrido por apresentar diferentes linguagens como a verbal e a musical. São características próprias deste gênero: a rima, a métrica e as figuras de linguagem que são identificadas na letra, enquanto que a melodia se refere à linguagem musical.
- Para a compreensão do texto responda os seguintes questionamentos:
 - a) De que se trata esta canção?
 - b) Que tipo de sentimento é retratado no texto?

¹ Disponível em: <https://www.letras.mus.br/marisa-monte/26829/nao-va-embora-print.html>. Acesso em 22 maio 2023.

c) Vocês se identificaram com a canção? Por que?

GÊNERO TEXTUAL: CONTO²

A CUMBUCA DE OURO E OS MARIMBONDOS

Sílvio Romero

Havia dois homens, um rico e outro pobre, que gostavam de pregar peças um ao outro. Foi o compadre pobre à casa do rico pedir um pedaço de terra para fazer uma roça. O rico, para fazer peça ao outro, lhe deu a pior terra que tinha. Logo que o pobre teve o sim, foi para a casa dizer à mulher, e foram ambos ver o terreno.

Chegando lá nas matas, o marido viu uma cumbuca de ouro, e, como era em terras do compadre rico, o pobre não a quis levar para a casa, e foi dizer ao outro que em suas matas havia aquela riqueza. O rico ficou logo todo agitado, e não quis que o compadre trabalhasse mais nas suas terras. Quando o pobre se retirou, o outro largou-se com a sua mulher para as matas a ver a grande riqueza.

Chegando lá, o que achou foi uma grande casa de marimbondos; meteu-a numa mochila e tomou o caminho do mocambo do pobre, e logo que o avistou foi gritando: “Ó compadre, fecha as portas, e deixa somente uma banda da janela aberta!”

O compadre assim fez, e o rico, chegando perto da janela, atirou a casa de marimbondos dentro da casa do amigo, e gritou: “Fecha a janela, compadre!” Mas os marimbondos bateram no chão, transformaram-se em moedas de ouro, e o pobre chamou a mulher e os filhos para as ajuntar.

O ricaço gritava então: “Ó compadre, abra a porta!” Ao que o outro respondia: “Deixe-me, que os marimbondos estão-me matando!” E assim ficou o pobre rico, e o rico ridículo.

- Faça uma leitura coletiva acerca do conto intitulado “A cambuca de ouro e os marimbondos” de Sílvio Romero;

² Disponível em: <https://www.culturagenial.com/contos-populares-comentados/>. Acesso em: 22 maio 2023.

- Após a finalização da leitura, discuta com os alunos sobre as características do gênero conto:

- * É uma narrativa curta em que o narrador conta uma história;
- * Poucos personagens e locais;
- * Deve possuir os seguintes elementos:
 - a) apresentação do enredo (situação que dá origem aos acontecimentos);
 - b) desenvolvimentos dos acontecimentos;
momento de tensão e solução (clímax);
 - c) desfecho.

- Para a compreensão do texto responda os seguintes questionamentos:

- a) De que trata o conto?
- b) Identifique quais são os personagens;
- c) Qual é o momento mais forte da história? (clímax);
- d) Como se deu o defecho desse conto? Você gostou? Justifique sua resposta.

SEGUNDO MOMENTO: (4h/aula)

O PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO DA FALA PARA ESCRITA

Marcuschi (2010) lembra que, cotidianamente, o processo de retextualização está presente em toda as esferas sociais e tendo em vista as várias necessidades que se tem no uso da língua escrita e falada no dia a dia. Por isso, a retextualização não é um processo mecânico e simples, mas uma atividade que envolve complexidade e compreensão.

A retextualização pode ser entendida como o processo de transformação de um texto em outro, neste caso, de um texto oral para um texto escrito, como por exemplo do gênero canção (texto base) para o conto. Para isso, o primeiro passo é compreender o sentido do texto base, que não pode ser modificado ao construir um novo texto. Em seguida retirar os aspectos próprios da oralidade através de eliminações, adaptações, retirada de redundâncias, de rimas, sonoridade, como também reorganizar a escrita do texto através de reformulações, substituições e reordenações e adaptações. Aqui é importante ter claro que ocorre a mudança de um gênero para outro, portanto deve-se considerar a composição do novo gênero a ser

produzido.

TERCEIRO MOMENTO: A CONSTRUÇÃO DO NOVO TEXTO (4h/aula)

Prezado(a) professor(a):

- Organize a sala de aula para esse momento (O professor pode ornamentar a sala com elementos representativos dos dois gêneros estudados: pode ser imagens, desenhos, símbolos musicais, entre outros);

-Os alunos já leram, já debateram, já pesquisaram sobre os gêneros canção e conto. Nesse momento, o professor pode resgatar a discussão sobre as características e peculiaridades desses gêneros;

-Chegou o momento de realizar o Processo de retextualização. Para isso apresente o texto base que deve ser lido e em seguida fazer a compreensão textual;

- Apresente a canção “Minha felicidade”, de Roberta Campos³, com a letra impressa e distribua entre os alunos para que todos, junto ao professor, possam cantar a música em voz alta;

³ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/roberta-campos/minha-felicidade/minha-felicidade-print.html>. Acesso em: 24 maio 2023.

Minha Felicidade
Roberta Campos

Quero ver o Sol nascer
De novo aqui pra despertar
Tudo aquilo que senti
Guardei por nós nesse lugar

Você é um pedaço em mim
Eu quero viver em teus braços pra sempre
Pra sempre

Lembra aquele tempo, amor?
Onde a gente se encontrou
Foi ali que começou
Minha felicidade

Lembra aquele beijo, amor?
Quando a gente se encontrou
Foi assim que começou
Minha felicidade

Quero ver o Sol nascer
De novo aqui pra despertar
Tudo aquilo que senti
Guardei por nós nesse lugar

Você é um pedaço em mim
Eu quero viver em teus braços pra sempre
Pra sempre

Lembra aquele tempo, amor?
Onde a gente se encontrou
Foi ali que começou

Composição: Roberta Campos / Danilo Oliveira

Minha felicidade

Lembra aquele beijo, amor?
Quando a gente se encontrou
Foi assim que começou
Minha felicidade

Eu, você, o Sol e o mar
E mais de mil paisagens pra testemunhar
Que eu seguiria muito bem a vida inteira
Sem me preocupar com a felicidade

Toda paisagem fica cinza sem você
Qualquer declaração de amor tão sem por
quê
Hoje é por isso que agradeço ao céu
Estar com você, estar com você

Hoje é por isso que agradeço ao céu
A felicidade

Lembra aquele tempo, amor?
Quando a gente se encontrou
Foi ali que começou minha felicidade

Lembra aquele beijo, amor?
Quando a gente se encontrou
Foi assim que começou minha felicidade

- Incentive os alunos a pensar sobre a letra da canção, de forma que possa se desenvolver uma discussão sobre a temática tratada no texto e em seguida responder os seguintes questionamentos:

- Que sentimento retrata o texto?
- É possível identificar o lugar em que a personagem se encontra?
- O que é a felicidade segundo a canção?
- Que mensagem o texto traz?

- Após esse momento de leitura e compreensão com os questionamentos, abrirá um momento de analisar sobre o que alunos responderam e mediar os discursos sobre a canção.
- Esse é o momento de produção em que a canção (texto base) vai passar pelo processo de retextualização, na construção de um novo texto - o gênero conto. Para isso, os alunos devem trabalhar com o conto impresso, seguindo as indicações apresentadas na segunda etapa que devem nortear o processo de retextualização;
- Reveja com os alunos o modelo apresentado de conto, como subsidio para a produção do novo texto e, em seguida proponha a escrita do conto, utilizando folhas de A4;
- É de suma importância lembrar que no processo de retextualização a compreensão do texto base é fundamental para a escrita do novo texto e que não pode haver fuga do tema;
- Após a escrita do texto o professor recolherá as produções para uma primeira correção que realizará fora do ambiente escolar. Em um outro momento, chamará os grupos para as discussões e correção;
- Depois desse momento, os alunos farão as modificações necessárias com vistas à produção final do conto;
- Por fim, os alunos apresentarão seus contos aos colegas, através de um recurso tecnológico, evidenciando como se deu o processo de retextualização;
- A avaliação se dará de forma contínua e formativa, atentando a assiduidade e participação dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de pesquisa oportunizou constatar que o trabalho com a retextualização é de suma importância para a compreensão das diversas situações de interação de comunicação, através dos mais variados gêneros textuais encontrados no meio social. Dessa forma, a retextualização apresenta-se como um caminho que pode nortear os trabalhos dos professores de Língua Portuguesa no que tange às práticas de leitura, compreensão e produção textual.

Entende-se como um processo de compreensão e de produção de texto, a retextualização busca o conhecimento de forma mais dinâmica e atrativa, uma vez que permite ao aluno o contato com gêneros diferentes e diversos. Dessa forma, o trabalho com os gêneros textuais é essencial para o desenvolvimento da leitura e da escrita, de modo que essas habilidades devem trazer para a realidade da escola, o diálogo entre as práticas sociais dos alunos e os novos conhecimentos adquiridos através dela.

Como resultado da pesquisa, foi proposto uma intervenção didática, desenvolvida em momentos, sobre o processo de retextualização da oralidade para a escrita, na qual apresenta o trabalho com o gênero canção (texto base) e conto que pode ser desenvolvida em turmas de 9º ano do ensino fundamental. Com isso espera-se que essa proposta possa auxiliar os professores de Língua Portuguesa do ensino fundamental nas atividades pedagógicas como novas práticas de ensino e aprendizagem.

Nessa perspectiva, é preciso compreender que esta prática pedagógica possibilita ao aluno reconhecer a composição e as características que perfazem os gêneros textuais em estudo através de situações reais de uso da língua. Além disso, esse tipo de atividade possibilita que os alunos sejam capazes de criar novos textos, o que promove discussões e troca de conhecimentos em sala de aula,

Desse modo, essa proposta não teve a intenção de levar material pronto e acabado para a sala de aula, mas oportunizar o trabalho com os gêneros e a retextualização de forma mais dinâmica e prazerosa. Para tanto, é sempre importante que ela seja estudada, adaptada a cada realidade, procurando aperfeiçoar dentro do universos de cada sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. L. **Produção de texto: interlocução e gêneros**. São Paulo: Moderna, 2007.
- ABRANTES, T. G. de. **A retextualização como estratégia didática para o trabalho com leitura e escrita em sala de aula do 9º ano**. 2022. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Língua Portuguesa) – Centro de Formação de Professores. Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras-PB, 2022.
- ANDREA, C. F. B.; RIBEIRO, A. E. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. **Veredas on line** – atemática – 1/2010, p. 64-74 – PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora (MG). Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25140>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2009.
- ARAÚJO, M. J. F. S. Práticas Literárias na escola a partir do Gênero Conto. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, v. 11, n. 18, 2015. Disponível em: <https://silo.tips/download/praticas-literarias-na-escola-a-partir-do-genero-conto>. Acesso em: 07 abr. 2023.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BOSI, V. **Ficções: leitores e leituras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. Brasília: MEC, 2017.
- CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2013.
- CORREA, J. E. A narrativa poética: a recriação e interação pela concordância. **Revista ACB**, v. 11, n. 2, 2006. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/482>. Acesso em: 10 maio 2023.
- DELL'ISOLA, R. L. P. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

MANZONI, A. S. dos S.; ROSA, D. B. **Gênero canção**: possibilidades de interpretação. Pesquisa em Educação: desenvolvimento, ética e responsabilidade social, UFAL, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/13643664-Genero-cancao-possibilidades-de-interpretacao.html>. Acesso em: 01 maio 2023.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In.: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 149-154

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MATÊNCIO, M. de L. M. Atividade de (re)textualização em práticas acadêmicas. **Scripita**, Belo Horizonte.v.6, n.11, p. 109-122, 2.sem. 2002. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12453>. Acesso em: 17 abr 2023.

SOARES, A. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1993.

TRAVAGLIA, N. G. **Tradução retextualização**: a tradução numa perspectiva textual Uberlândia: Edufu, 2003.